

Um passo de cada vez

Naara Câmara de Souza

6

I. Prólogo

Durante o início de minha formação acadêmica, pensava se a minha escolha tinha sido a correta. Guardava muitos receios, principalmente o de não conseguir atingir os objetivos que impus a mim. Pensava em como colocar em prática tudo o que vinha aprendendo na graduação em Pedagogia na minha sala de aula futuramente, que professora eu seria. Posso dizer que enfim cheguei na etapa de vivenciar de perto o caminho que antes tinha dúvidas e que agora, com o estágio supervisionado, foi esclarecido meu objetivo maior: mediar a educação das crianças e jovens significativamente.

Antes mesmo de escolher a escola para cumprir o estágio supervisionado, o que vinha à mente era se conseguiria realizar minha regência, meu medo de falar sempre esteve presente durante a minha vida e não seria diferente nessa etapa da vivência em sala de aula. O que posso dizer é que me surpreendi com o que vivenciei.

II. O primeiro contato

Meu estágio obrigatório no Ensino Fundamental I deu-se em uma turma de 1º ano em uma escola estadual no bairro do Bom Pastor, onde moro desde criança, mas anteriormente não tinha contato com a escola. Devido ao meu trabalho remunerado, só pude frequentar, durante o estágio, a escola três vezes por semana e duas horas por dia, das 7h às 9h, mas, mesmo assim, não deixei de obter aprendizados significativos

para minha formação — apesar do curto tempo em que passava na escola.

O primeiro dia de estágio foi bem receptivo, desde o “bom dia” do porteiro até a diretora, minha preocupação sobre não ser bem recebida foi em vão. A professora supervisora me recebeu de braços abertos, fui apresentada à turma e assim dei início a uma etapa sobre a qual tinha receio. Vivenciei o momento do cântico do Hino Nacional Brasileiro regido por um batalhão da Polícia Militar do bairro que se encontrava presente na escola, pois há uma parceria, assim como o momento de rotina inicial que a professora adotou em sala de aula, a contagem da turma começando pelas meninas, depois os meninos, a turma toda e por fim os que faltaram, também a dinâmica do calendário. No restante da aula, e nos outros dias como observadora participante, fui auxiliando os alunos com as atividades que a professora responsável passava. Senti-me acolhida, pela equipe e pelos alunos, no meu primeiro dia até ganhei desenhos de algumas alunas. Foi assim, meu primeiro contato.

III. Percurso

Durante os dias que se passaram, pude observar a turma melhor e identificar algumas dificuldades específicas de alguns alunos como também da turma toda, além da professora ter falado sobre essas dificuldades comigo também. No decorrer do estágio, estive pertinho das crianças, fui descobrindo mais sobre elas, suas famílias

e como são carinhosas e brincalhonas, gabei muitos desenhos e abraços. Pude participar tanto ajudando nas atividades como também à frente da rotina inicial do dia e na leitura de uma história do livro didático.

No decorrer desses dias que antecederam minha regência, a professora sempre falava da importância de ser dinâmica, de não se prender ao livro didático que não contemplava aspectos essenciais, como o contexto real de cada uma ou do contexto social em que estavam inseridas, dessa forma, a professora fazia uso de outros materiais didáticos relevantes para o aprendizado em sala de aula, pois como ressalta Bittencourt (2011, p. 296), “materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitador da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina”.

Assim, como já havia discutido em sala de aula na universidade, o livro didático é mais um material para ser usado e não uma regra de uso. Dessa forma, pensei em planejar minha regência utilizando outros recursos didáticos.

Foi no meio dos conteúdos apresentados, da observação das necessidades da turma e do interesse por atividade de fabricação, de manuseio, que pude pensar em trabalhar jogos com as crianças. Não se trata de uma atividade para passar o tempo e sim um recurso didático que auxilia na prática docente ao proporcionar a construção de

conhecimentos novos ou de reforçar o que já foi trabalhado, além de desenvolver a capacidade de organização, análise, reflexão e argumentação, mas o papel da professora é essencial como mediadora desse recurso.

IV. Em meio a caminhada

Reconhecendo as dificuldades da turma, escolhi a sequência numérica para trabalhar em minha regência, pois como há a necessidade de ser letrado e estar inserido em práticas sociais envolvendo a escrita, também faz-se necessário ser numeralizado (Nunes; Bryant, 1997) para que possa saber lidar e responder às demandas do cotidiano que envolvem a matemática. Também já era um assunto presente que as crianças utilizavam todos os dias com a dinâmica de contagem da turma, mas para além do contar, vi a necessidade de trabalhar a escrita dos números também. Assim, em conjunto com a professora, construí meu planejamento para a fabricação de um tabuleiro numérico, inicialmente para trabalhar os números de 1 a 20 e, além disso, trabalhar também os tipos de tabuleiros e alguns jogos de tabuleiro, trazendo um pouco da história desses jogos.

Para esse primeiro momento de regência, levei a turma para sala de leitura para que pudessem assistir a um vídeo no YouTube sobre jogos de tabuleiro, mas nem tudo são rosas. O que havia planejado não pôde ser contemplado devidamente, houve algum problema com o projetor e precisei improvisar. Como tinha computador, passei

o vídeo e pedi às crianças para tentarem assistir pela tela ou apenas ouvirem; houve algumas reclamações de não conseguirem ver, concluí o vídeo, mas não pude apresentar devidamente o slide que preparei para a aula. Por precaução, levei um tabuleiro 4 em 1 e prossegui com a explicação usando o tabuleiro que levei. Questionei sobre os jogos que foram citados no vídeo e os que podiam ser jogados no tabuleiro, alguns já tinham visto ou jogado, até mesmo pelo celular.

Após a abordagem sobre jogos de tabuleiro, expliquei à turma que iríamos construir um tabuleiro com os números para jogarmos depois. Para isso, a turma foi dividida em duplas e cada dupla recebeu quatro folhas de ofício com figuras de bolas e nuvens para numerar de 1 a 20 e recortarem. Foi um momento divertido e complicado ao mesmo tempo, pois tinha que auxiliar todas as crianças para escreverem os números, nesse momento a professora me auxiliou, e também observar se elas não perderam as bolinhas após recortarem. Assim concluí o primeiro dia de regência.

Para o segundo momento de regência, foi dada continuação da construção do tabuleiro. Desta vez, a turma tinha que colar as bolas numeradas no papel madeira que serviria de base para o jogo. Para organizar as bolinhas na ordem numérica, fui questionando a turma por qual número começar e anotando no quadro, sempre perguntando qual número vinha a seguir. Assim, as crianças colaram na sequência, mas sem-

pre passava de mesa em mesa para verificar a ordem e percebi que algumas duplas tinham perdido bolinhas, o que foi resolvido com escrever o número que faltava em uma folha de ofício e recortar para entregar aos que tinham perdido.

Após a parte de colagem, chegou o momento de confeccionar os dados do tabuleiro, para isso demonstrei como fazer com o rolo de papel higiênico, cortando em três partes e sobrepondo uma parte na outra para formar o dado, foi necessário deixar todos os rolos já cortados e assim as crianças foram tentando montar, algumas precisavam de auxílio. No fim, deu tudo certo e as duplas enumeraram os dados de 1 a 6. Já finalizado o tabuleiro e os dados, pedi para as crianças desenharem no tabuleiro, deixando bem colorido. Devido ao tempo, não foi possível realizar a parte das regras do jogo como havia planejado antecipadamente, mas foi bem divertido a dinâmica de jogarem em duplas, as crianças também jogavam com outros colegas, fui acompanhando os jogos e participando de alguns.

Ao refletir sobre a minha prática docente, pude perceber a vivência de proporcionar uma dinâmica utilizando um jogo que fez a turma se sentir pertencente ao seu ensino-aprendizagem na sala de aula, nenhuma criança ficou de fora, toda turma participou do processo de construção do tabuleiro.

V. Quase lá

Para o terceiro e último dia de regência,

também propus um jogo, dessa vez, voltado para o componente de ciências. Para explorar a parte sensorial da turma, foi apresentado o jogo dos cinco sentidos, a professora responsável já havia trabalhado o conteúdo em sala e observei o interesse da turma pela temática. Assim, a aula deu-se da seguinte forma, perguntei sobre os cinco sentidos que a professora já havia apresentado a eles, as respostas que obtive foram em relação às partes do corpo que são utilizados e alguns usaram os termos tato, visão, logo após, falei que iria realizar um jogo divertido.

Antes de dar início, arrumei as carteiras para que estivessem em forma de “U” e levei a mesa da professora para o centro, para que assim as crianças pudessem visualizar a brincadeira melhor, posicionei quatro caixas na mesa e expliquei como seria o jogo. Falei que em cada caixa seria colocado um objeto e cada uma precisaria usar os sentidos para descobrir o que havia dentro; mas tinha um detalhe, elas não poderiam ver nada, pois estariam vendadas. Chamei quatro crianças, coloquei as vendas nelas e fui passando instruções sobre os sentidos que podiam usar, como: a audição, o tato, o olfato ou o paladar dependendo do objeto. Quando descobriram o que era, elas podiam tirar as vendas e constatarem que de fato era o que haviam dito. Assim a dinâmica foi acontecendo, iam quatro crianças por rodada até todos terem vivenciado.

Por fim, perguntei como havia sido a brincadeira, o objeto que cada uma desco-

briu e como descobriram; também realizei uma atividade final de registrar no caderno o objeto e os sentidos usados, pois por meio do registro pude observar o domínio dos conceitos e as dificuldades apresentadas. Ademais, agi inspirada pela discussão apresentada por Kishimoto ao descrever que “quando as crianças escrevem ou desenharam o que vivenciaram, elas estão em intenso letramento com gestos, sons, grafismos, como desenhos, rabiscos (icônicos) e letras, números e fórmulas lógicas.” (KISHIMOTO, 2004, p. 365).

VI. Concluindo uma parte do percurso

Com base na experiência relatada, o estágio supervisionado trouxe aprendizados únicos, percebi como cada criança agia no ambiente escolar, o que a caracterizava e como se dava seu aprendizado, algumas precisavam de um auxílio maior na execução das tarefas. Uma experiência única e significativa para minha formação como educadora.

A escola em que atuei realmente se comprometeu em trazer uma educação voltada para o aluno como sujeito de seu aprendizado e uma gestão democrática. O pouco tempo que fiquei, percebi como uns ajudam aos outros sem distinção.

Enfim, espero que quando for minha vez de estar em frente a uma sala de aula, possa exercer a minha regência de uma forma democrática, buscando um ensino-aprendizagem diversificado, fora do tradicional e que seja significativo para as crianças.

Referências

BITTENCOURT, Circe. Livro didático: um objeto cultural complexo. In: _____. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011, p. 296 – 324.

SOBCZAK, Anne Heloíse C. Stelmastchuk; ROLKOUSKI, Emerson; MACCARINI, Justina C Motter. Jogos na alfabetização matemática. BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. DIRETORIA DE APOIO À GESTÃO EDUCACIONAL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Jogos na Alfabetização Matemática / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014.

NACARATO, Adair Mendes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni; GRANDO, Regina Célia. Organização do Trabalho Pedagógico. BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. DIRETORIA DE APOIO À GESTÃO EDUCACIONAL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Organização do Trabalho Pedagógico / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2014, p.6-15.

SPINILLO, Alina Galvão. Usos e Funções do Número em Situações do Cotidiano. BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. DIRETORIA DE APOIO À GESTÃO EDUCACIONAL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Quantificação, Registros e Agrupamentos / Ministério da

Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2014, p.20-29.